

The background of the entire page is a vibrant, stylized illustration of a bookshelf. The shelves are filled with books of various colors, including teal, red, yellow, and grey. Each book spine is decorated with simple, geometric patterns such as circles, diamonds, and vertical lines. The books are arranged in a slightly staggered manner, creating a sense of depth and a rich, colorful texture.

**Maria Auxiliadora da Silva Santos
Ivana Esteves Passos de Oliveira**

**Guia de sugestões de
paradidáticos - suporte
na aprendizagem em
todas as áreas da
base nacional comum
curricular**

**Maria Auxiliadora da Silva Santos
Ivana Esteves Passos de Oliveira**

**Guia de sugestões de
paradidáticos - suporte
na aprendizagem em
todas as áreas da
base nacional comum
curricular**

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing
Vitória
2022

Guia de sugestões de paradidáticos - suporte na aprendizagem em todas as áreas da base nacional comum curricular © 2022, Maria Auxiliadora da Silva Santos e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing

Diagramação: Ilvan Filho

1^a edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237g

Santos, Maria Auxiliadora da Silva. -

Guia de sugestões de paradidáticos - suporte na aprendizagem em todas as áreas da base nacional comum curricular / Maria Auxiliadora da Silva Santos, Ivana Esteves Passos de Oliveira. -

Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -

24 p. : il. color. ; 21 cm.

ISBN 978-85-92647-59-9

DOI 10.29327/560683

1. Livros e leitura. 2. Aprendizagem. 3. EMEIEF Boa Vista do Sul (Marataízes, ES). I. Oliveira, Ivana Esteves Passos de.

CDD – 372.4

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

SUMÁRIO

Apresentação	05
Breve contexto histórico da leitura	06
Paradidáticos: contextualização e relevância	08
O professor-leitor	15
Guia de sugestão de paradidáticos	18
As autoras	22
Referências	23

APRESENTAÇÃO

Este Guia de Sugestões de Paradidáticos - Suporte na aprendizagem em todas as áreas da Base Nacional Comum Curricular foi desenvolvido em 2021, em uma pesquisa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, da Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus- ES.

A pesquisa teve como objetivo central compreender quais as atitudes e hábitos de leitura dos professores do Ensino Fundamental II nos anos finais, a partir de então, esse Guia de Sugestões de Paradidáticos teve como intuito de apresentar alguns livros paradidáticos dos clássicos até os atuais, através de trocas de experiências e reflexões com os professores da EMEIEF Boa Vista do Sul-Marataízes – ES. Utilizando-se dos seguintes aportes teóricos: Lajolo (1994), Silva (1998) e Freire (2006).

Desse modo, esperamos que esse Guia de Sugestões de Paradidáticos favoreça mais sentido para as práticas de leitura dos professores no que tange para a formação do professor- leitor.



BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA LEITURA

A história do surgimento do livro está vinculada a história da leitura, pois a mesma estimula e possibilita a circulação do livro, dessa forma, ambas estão embasadas em fatos históricos que desencadearam na formação do leitor.

A partir do século XIII, surge na Europa, em especial nas Universidades, de caráter não religioso, que emerge em função das novas exigências da leitura – surge o livro impresso, a partir de Gutemberg, atendendo, assim, às necessidades de um novo público, constituído de altos funcionários, de ricos negociantes ou juristas desejosos de adquirir toda espécie de obras necessárias não somente as suas funções e edificação moral, mas também, a sua distração.

A luta de classe evolui e a burguesia cria um circuito da produção e difusão cultural, que servisse aos interesses- pequenos livros brochurados e vendidos a preços populares. Tais obras eram consideradas de compreensão fácil para todos aqueles que acabavam de ter acesso ao texto escrito, como os membros da classe operária.

A partir do século XIX, com o impulso da Revolução Industrial, esses livros vão ganhando seu espaço, mas, infelizmente o livro permanece como veículo de uma minoria culta.

Apesar da Revolução Industrial, o acesso ao livro, ao jornal, enfim toda forma de escrita, pelas classes trabalhadoras, os menos favorecidos, ainda é escasso, pois a informação era como “forma de consolidação e afirmação de poder”.

Em uma sociedade capitalista, a leitura literária propicia o acesso ao conhecimento e o poder sobre a palavra é uma forma de manipulação para aqueles que não detém esse poder.

As diferenças de classe e de poder também se manifestam no âmbito da educação. Não há investimentos na qualidade de ensino, pois os filhos da burguesia não estudam no Brasil.

Em 1945, em nosso país, começaram a surgir reivindicações em relação à educação e cultura para todos, acelera-se a organização da leitura pública. Nessa época, as formas de trabalho remontavam ao pré-capitalismo, a classe trabalhadora era formada por aqueles que possuíam apenas habilidades intelectuais como contar, ler e escrever.

Na era do capitalismo monopolista de Estado, nasce um novo homem, ajustado as modernas técnicas de eficiência e racionalização do trabalho. Surge uma nova oligarquia composta pelo poder capitalista da grande burguesia, que estabelece as tendências democráticas, destruindo o regime feudal. Nesse contexto socioeconômico, emerge a preocupação com a formação cultural e, sobretudo, escolar.

Cabe ao Estado superar o desequilíbrio produzido pelas reivindicações resultantes das desigualdades provocadas pelo modo de produção e que não conseguiam serem solucionadas – pela indústria cultural. A partir dessas transformações, surgem preocupações com a organização da leitura pelo Estado.

Em face dessas condições, o Estado aparece como entidade concretizadora dos ideais de igualdade de oportunidade. Entretanto, as desigualdades persistem e persistiram sempre resvalando nos menos favorecidos da nossa sociedade.

PARADIDÁTICOS: CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA

A leitura sempre esteve presente na história da humanidade, seja na sua história, seja esta praticada como meio de prazer, para o aprendizado ou por obrigação, na busca de conhecimento ou de informação. Atualmente, percebemos que a leitura se faz mais que necessária, uma vez que todas as interações sociais giram em torno de uma língua “escrita” que por sua vez precisa ser lida, decifrada.

Vivemos em plena era da informação, e inúmeras são as formas e possibilidades de material para a leitura: jornais, livros, internet, revistas, folhetos, panfletos. Por todos os lados temos algo para ler.

Ao ato de ler, acrescentamos muito de nós mesmos e das nossas experiências, segundo Lajolo (2002, p.54):



Ler não é decifrar como um jogo de adivinhações o sentido do texto. É a partir do texto ser capaz de atribuir-lhe significados, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

Portanto, ler não é um ato de adivinhação e nem decifração de significados, mas sim, atribuição de significação ao que lemos.

Além do que, a leitura acontece quando faz sentido para o leitor, ou seja, quando esta chega à compreensão. Para tanto, é necessário que ao ato mecânico de decifrar sinais se liguem às nossas experiências individuais vivenciadas ou adquiridas nas relações sociais, como afirma Freire (1982, p.11) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquele”.

Por isso, só lemos o que interessa ou nos atrai. A leitura é um ato de descoberta e, a esse ato, está relacionada nossa vida e tudo o nos cerca.

Não há apenas escrita, acabada e inerte, mas muitas leituras muitas formas de leitura e isso exige um certo esforço por parte do leitor, sujeito da ação de ler, conforme definem os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre assunto, sobre o autor de tudo o que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, se as quais não é possível proficiência. É o uso desse procedimento que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN,1998, P.69- 70)

A leitura não é um ato de mera decifração de sinais gráficos. Ler é também para Kleiman (2007, p.49), “um ato individual de construção de significados num

contexto que se configura mediante um processo de interação entre o autor”, embora esse mesmo ato envolva capacidade de decifração do código escrito.

A leitura é uma prática social que acontece num processo de interação entre o autor e o leitor, e nesse processo interativo que ativamos nossas experiências relacionando-as com o que lemos. O ato de ler ultrapassa as margens do texto escrito e não se resume a sua decifração.

Como afirma Freire (1982), também podemos ler o mundo e isto implica a leitura de gestos, expressões do rosto, sons, de um olhar, de uma pintura e de todas as nossas experiências.

Dessa forma, temos a leitura literária que é quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação de fruição. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções.

É papel da escola e do professor o poder decisório sobre a leitura literária e o leitor formado, pois espera-se que o produto a ser formado, seja para enfrentar as contradições impostas pelo sistema vigente. A leitura literária nas escolas surge através dos paradidáticos, década de 60 a 70.

Portanto, em termos de aprofundamento, divulgação e estudos com intuito de

nomear este gênero de livros ou até mesmo, compreender sua origem e suas funções pedagógicas, muito pouco se tem realizado.

A Base Nacional Comum Curricular- BNCC (2028), faz uma citação do livro paradidático e sua importância:

Considerar, ao longo dos anos, a ampliação e o suporte na seleção de fontes balizadas de informação e conhecimento – livros paradidáticos, de referência, repositórios de objetos digitais de aprendizagem, plataformas educacionais, canais educacionais e de vídeos de divulgação científica, etc. (MEC,2018, p.516)

Além disso, o livro paradidático propício, tanto para o professor, quanto para o aluno, a probabilidade de imersão em um ambiente de leitura literária que está de alguma forma ligado à realidade do leitor, independente da disciplina curricular.

A partir da década de 80, os paradidáticos foram se tornando mais abrangentes nas escolas, mas sendo tradicionalmente, utilizados pelos professores de Língua Portuguesa. Em outras áreas com menor frequência.

Para entender a razão da criação do termo paradidático, Borelli (1996) apresenta o sentido do termo paraliteratura, a partir da interpretação da formação da palavra como “o prefixo para denotar tanto o significado de proximidade – ao longo de – quanto à conotação de acessório, subsidiário, e, também, o sentido de funcionamento desordenado ou anormal”.

O termo paradidático surgiu como adjetivo, qualificando um tipo de publicação que, a partir de 1970, começou a proliferar na produção editorial brasileira

direcionada ao uso escolar. Tratava-se, dessa fora, de distinguir esses produtos dos livros didáticos tradicionais, sempre associados a disciplinas, organizados em coleções seriadas e pensados para o uso do cotidiano.

A principal diferença consistia no fato de os paradidáticos não prenderem cobrir a matéria de uma série, muito menos, de todo um segmento do ensino. Fixavam-se, antes, em um único tópico de interesse do currículo, tratando de forma mais especializada e /ou aprofundada, sobre assuntos gramaticais. Em consequência, esses livros podiam ser utilizados em diferentes momentos e níveis de ensino.

Os paradidáticos têm sido objeto de grande relevância nas políticas públicas em Educação, tendo motivado muitos estudos e investigações, sob perspectivas tão distintas quanto o mercado editorial, a transposição didática de conceitos e noções, a flexibilidade de uso, os recursos didáticos, os padrões de textualidade e os modos de ler.

Os livros paradidáticos começaram a ser organizados em coleções seriadas e utilizadas na leitura cotidiana. São livros que não faz abordagem somente de um conteúdo específico de uma determinada série, tem a função de ir mais além, é um auxílio para sala de aula em diferentes séries e/ ou níveis de ensino.

Dessa forma, os livros paradidáticos receberam esse nome por serem adotados de forma paralela aos materiais convencionais já utilizados na escola, não com intuito de substituir, e sim abordar temáticas que, em muitos casos, os livros didáticos não contemplavam.

Além disso, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação(LDB), que estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e orientou a discussão sobre

os temas transversais, a produção dos materiais paradidáticos cresceu de forma significativa nas editoras brasileiras salientando nas próprias obras de ideias de Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Saúde e Sexualidade.

No entanto, é importante observar que, embora haja variadas temáticas e metodológicas para se trabalhar, em muitos casos, a abordagem do livro paradidático ainda é descontextualizada, deixa de integrar discussões relevantes em sala de aula e é objeto de avaliação desconectado dos questionamentos sociais e preso aos conteúdos gramaticais apresentados na série.

Tais materiais surgiram como forma de oportunizar a prática docente a fim de que seja possível desenvolver não somente a capacidade leitora em sala de aula, mas a compreensão de períodos e contextos históricos. O surgimento dos materiais paradidáticos se consolidou a partir das necessidades de se pensar em literaturas que fossem apropriadas para o ambiente escolar. Nessa vertente, muitas obras são consideradas essenciais para a formação do aluno.

Os livros paradidáticos nasceram das discussões sobre a necessidade de autores brasileiros produzirem para crianças e jovens buscando formar, através deles, o desejo, o gosto e o prazer de ler. As editoras passaram a investir em textos alternativos, com temas e linguagem mais acessíveis, que serviriam para introduzir o aluno no universo da leitura e prepará-lo para obras mais complexas[...] (LAGUNA, 2001, p.49)

Assim como o ensino da Língua Portuguesa passou por transformações desde a implantação dos moldes educacionais, o ensino de leitura no contexto esco-

lar é também marcado por avanços, ora vistos como uma ruptura com o tradicionalismo, ora analisados sob a perspectiva de ser apenas o primeiro passo de muitos que ainda são necessários.

Por outro lado, os recursos tecnológicos modernos vêm tomando o lugar da leitura impressa. Com a multiplicidade de informações à disposição, faz com que ficássemos mais informados do que passou em outras épocas. É com esse impacto tecnológico que o mundo se globaliza.

A leitura literária sempre terá seu lugar e por se tratar de leitores, os mesmos, sempre irão buscar na palavra escrita grande parte de informação e seu conhecimento do mundo. As leituras de obras paradidáticas têm, portanto, o caráter de formar personalidades a fim de que os indivíduos se sintam partes da comunidade e atuem na vida social iluminados a partir das concepções que os autores apresentam na diversidade do universo ficcional.

Portanto, para se trabalhar com a leitura paradidática o professor tem que ter uma formação leitora, pois poderá despertar o prazer do aluno pelo ato de ler, além disso, aliada ao processo de ensino- aprendizagem, passa a ser o material complementar para apropriação e transmissão de conhecimentos.



O PROFESSOR- LEITOR

Sabe-se que a leitura literária é uma das vias de inserção no mundo e da satisfação de necessidades do ser humano. No entanto, muitos professores desconhecem ou ignoram a real relevância da leitura e da literatura no cotidiano.

Diversas pesquisas sobre a realidade da leitura no Brasil sinalizam para o perfil de grande parte dos profissionais da educação como não-leitor, pois é algo incontestável, e que todo professor deve ser leitor, dessa forma, a leitura literária, possa contribuir na sua formação e na práxis de seu trabalho em sala de aula.

Salientamos também, a questão de a leitura literária ter pouca ênfase durante a formação escolar na vida do educador. Poucos estudos e pesquisas na área da leitura literária, por parte do professor, nota-se ausência de clareza sobre a qual é realmente é a função da literatura literária e ou em periódicos para que se se forme um professor – leitor, consciente e crítico.

Um dos problemas que não pode ser esquecido, é a respeito à figura do professor que não gosta de ler, em virtude de alguns percalços durante a sua formação escolar.

Todo o processo de leitura literária e escrita se faz presente tanto na vida pessoal do sujeito e na vida escolar, ofertando uma amplitude sobre sua visão de mundo e favorecendo sua emancipação intelectual. De acordo com Lajolo (1993, p. 04)

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive.
Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida.

São palavras com enorme expressividade, pois representam o quanto o é transformação de uma sociedade.

Partimos da concepção que a formação do professor-leitor se inicia, na fase da infância e da adolescência, através de inúmeras experiências leitoras e concomitantemente com os seus familiares, desde as narrativas orais, passando pela leitura de revistas, contos de fadas, romances, bíblia, diário íntimo e leitura de clássicos literários.

É na Educação Básica que a leitura literária é primordial, ou seja, tenha um avanço real, a partir de desenvolvimento com trabalhos com gêneros textuais e com o foco na formação de leitores para além da sala de aula.

Podemos afirmar que todo professor, enquanto profissional ou cidadão necessita desenvolver a capacidade leitora para que possa se sentir sujeito do mundo que o cerca. Por isso, é primordial que as práticas de leituras literárias sejam realizadas em todos os segmentos da formação escolar, com práticas de imersão em leituras: antiga, moderna, brasileira, estrangeira, infanto-juvenil, adulta, literária, não literária, enfim, diversidades de leitura possíveis, materializadas em diferentes linguagens.

Ressaltamos que a formação leitora do professor não tem diferença dos demais sujeitos, sendo que ele é antes de tudo é um indivíduo que passa pelos ciclos da vida – infância e a adolescência até chegar a fase adulta e, conseqüentemente a sua graduação, especificamente um professor.

Torna-se de grande relevância implementar esforços de valorização das práticas reais, para investir em ações e currículos que valorizem a leitura literária como

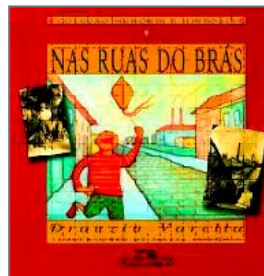
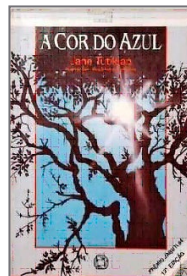
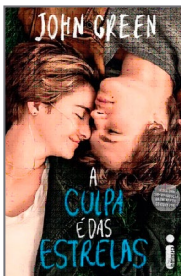
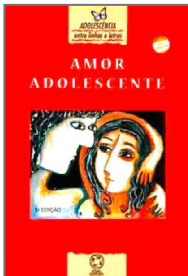
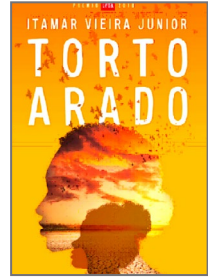
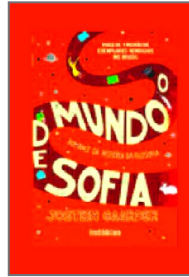
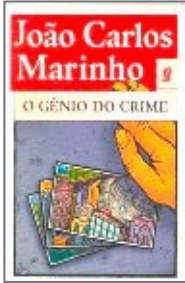
cerne da identidade do professor de tal modo que passe a ser disciplina da formação do professor leitor, com ênfase nos cursos voltados para a docência.

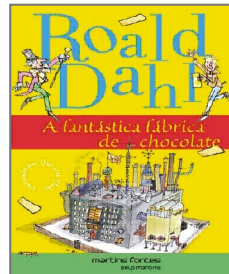
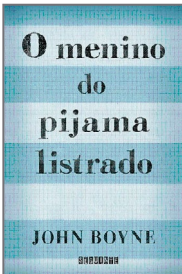
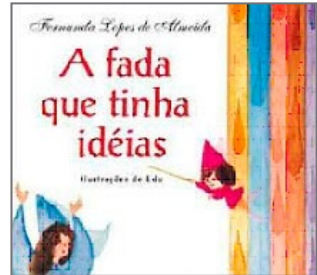
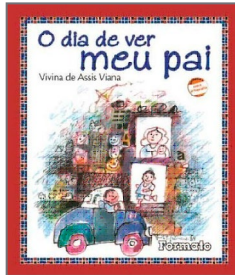
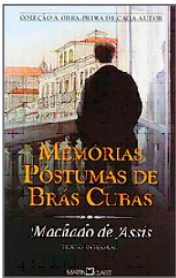
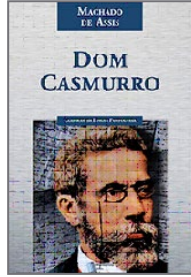
Entendemos que a leitura literária e ou a leitura de periódicos são os embasamentos primordiais na formação do professor. Além do que possibilita uma prática reflexiva, consciente e crítica, pois acarretará reflexos de seus atos para além de sala de aula, ou seja, romperá com o trivial. Devido a tudo isso, é de suma importância que o professor seja um leitor proficiente, independente da área de atuação.

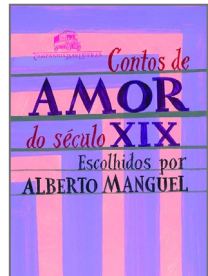
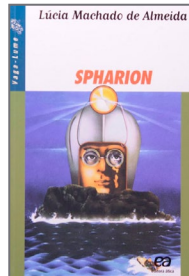
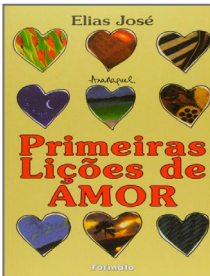
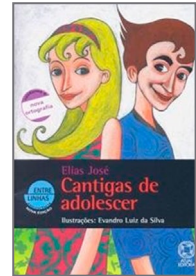
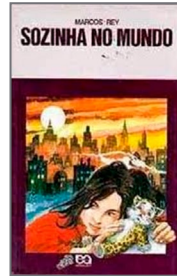
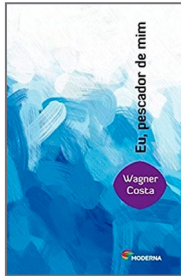
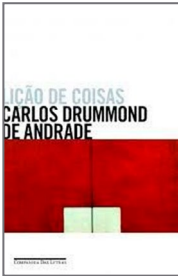
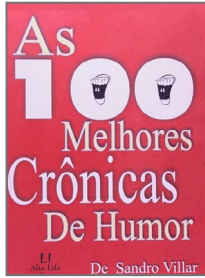
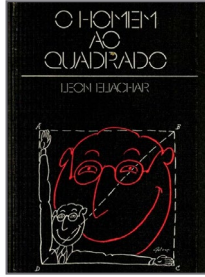
Concordamos que o professor-leitor é aquele que constrói seu histórico de leitor ao longo de sua vida escolar e que prioriza a leitura literária como prática emancipatória e espaço aberto para o campo cognitivo. Consequentemente deverão ser leitores autônomos e para então contribuírem para a formação de gerações de leitores críticos.

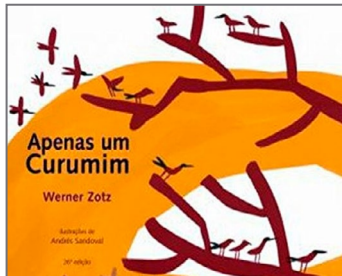
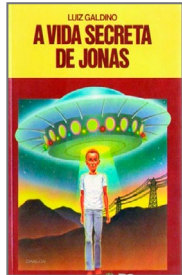
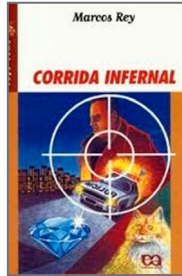


GUIA DE SUGESTÕES DE PARADIDÁTICOS









AS AUTORAS

MARIA AUXILIADORA DA SILVA SANTOS

Professora da Rede Municipal do Ensino Fundamental II, em Marataízes – ES. Graduada em Letras (Português/Inglês), pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Madre Gertrudes de São José”. Atualmente é professora na EMEIEF Boa Vista do Sul- Marataízes- ES. Mestranda em Ciência, Tecnologia e Educação pela Faculdade Vale do Cricaré- São Mateus- ES.

IVANA ESTEVES PASSOS DE OLIVEIRA

Phd em Educação - Estratégias de Leitura com Livros Infantis do Espírito Santo (Unesp/PP/SP - 2019), Doutora em Estudos Literários/Letras(PPGL Ufes)- 2015, e Mestre em Estudos Literários /Letras(PPGL Ufes)- 2004, Licenciatura em Pedagogia (Ipemig) 2022 e Graduada em Comunicação Social (Ufes) 1990. Atualmente é Professora Orientadora do curso Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC) - São Mateus (ES).

REFERÊNCIAS

- AGUILERA M, Méndiz, A. **Jogos de vídeo e educação. Computadores ACM no entretenimento** 11: 1–14, 2003.
- ARCHIBALD LMD, Cardy JO, Joannis MF, Ansari D. **Perfis de aprendizagem de idiomas, leitura e matemática em uma amostra epidemiológica de crianças em idade escolar.** PLOS ONE 8 10: 1–13, e77463, 2013.
- BIEMBENGUT MS, Hein N. **Modelagem matemática no ensino.** São Paulo: Contexto. p. 9–16, 2000.
- CHUANG TY, Chen, WF. **Efeito de videogames baseados em computador em crianças: um estudo experimental.** Tecnologia Educacional e Sociedade, 12: 1–10, 2009.
- COELHO, JP. **Sucesso ou fracasso em matemática ao final da escolaridade requerida, eis a questão.** Psicologia, 26: 663–678, 2008.
- DEHAENE S. **O sentido numérico: como a mente cria matemática.** Nova York: Oxford University Press, 2ª ed, 2011.
- DELL, A., NEWTON, D. e PETROFF, J. **Tecnologia assistiva na sala de aula: aprimorando as experiências escolares de alunos com deficiência (2ª ed.).** Boston, MA: Pearson, 2012.
- GEARY, D. **Discalculia em tenra idade: Suas características e sua possível influência no desenvolvimento socioemocional.** In: Tremblay RE, Barr RG, Peters, 2010.

MOITA F Gameon: jogos eletrônicos na escola e na vida da geração @. Brasil: Campinas, Ed. Alínea, 2007.

RUFUS, A., Liman, O., Abubakar, N. & Kwalzoom, L. **Usando a tecnologia assistiva no ensino de crianças com dificuldades de aprendizagem no século XXI C.** Journal of Education and Practice. 6 (24), 14-20, 2015.

SANTOS, VM. **A relação e as dificuldades dos alunos com matemática: um tópico de estudo.** Revista Zetetiké, p. 32, ISSN: 1744, 2009.

STARCIC, S. e Istenic, A. **Tecnologia educacional para a sala de aula inclusiva.** Revista Online Turca de Tecnologia Educacional. 9 (3), 26-37, 2010.



ISBN: 978-85-92647-59-9

DIÁLOGO
EDITORIAL